



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PARCEIROS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Congresso Nacional de Arquivologia (6 : 2014 : Santa Maria)

Congresso Nacional de Arquivologia, 20 a 23 de outubro de 2014, Santa Maria [recurso eletrônico] : Arquivologia, sustentabilidade e inovação / organizado por Débora Flores, Andréa Gonçalves dos Santos e Flavia Helena Conrado ; coord. Daniel Flores.; revisado por Sérgio Ricardo Rodrigues [realização Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul] – Santa Maria : AARS, 2014.

Versão eletrônica. ; il. ; 4 ¾ pol.

ISBN: 978-85-68533-01-7

1. Arquivologia - Congresso. 2. Sustentabilidade. 3. Inovação. I. Flores, Débora., org. II. Santos, Andréa Gonçalves do., org. III. Conrado, Flávia Helena., org. IV. Flores, Daniel., coord. V. Rodrigues, Sérgio Ricardo., revisor V. Título: Arquivologia, sustentabilidade e inovação.

CDU: 930.25:658

Comissão Organizadora do VI CNA



Andrea Gonçalves dos Santos - Mestrado
 Camila Lacerda Couto - Especialização
 Cléo Belício Lopes - Especialização
 Daniel Flores - Pós-Doutorado
 Débora Flores - Mestrado
 Denize Brum Camargo - Graduação
 Flavia Helena Conrado - Mestrado
 Jorge Alberto Soares Cruz - Mestrado
 Maria Cristina Kneipp Fernandes - Especialização
 Mateus de Moura Rodrigues - Especialização
 Raquel Miranda da Silva - Especialização
 Rita de Cássia Portela da Silva - Mestrado
 Rosani Gorete Feron - Especialização
 Valéria Raquel Bertotti - Mestrado
 Viviane Portella de Portella - Mestrado

Comissão Central de Programação Científica




Prof. Dr. Daniel Flores (UFSM) - Presidente
 Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi (UFSM) - Membro
 Prof. Me. Jorge Alberto Soares Cruz (UFSM) - Membro
 Prof. Dr. José Maria Jardim (UNIRIO) - Membro
 Prof. Dr. Rafael Port da Rocha (UFRGS) - Membro
 Profa. Ma. Valéria Raquel Bertotti (UFRGS) - Membro

Secretaria de apoio da Comissão Central de Programação Científica



Arquiv. Ma. Andrea Gonçalves dos Santos (FURG) - Membro
 Arquiv. Mnda. Daiane Segabinazzi Pradebon - Membro
 Arquiv. Ma. Flavia Helena Conrado (IFRS/ POA) - Membro
 Arquiv. Ma. Neiva Pavezi (UFSM) - Membro

Comissão de Pareceristas - Avaliadores



Alicia Casas de Barran (EUBCA) - MERCOSUL
Ana Celeste Indolfo (Arquivo Nacional) - Inst. Arquivísticas
Ana Célia Rodrigues - UFF
André Malverdes - UFES
Angelica Alves da Cunha Marques - UnB
Anna Carla Almeida Mariz - UNIRIO
Anna Szlecher (UnC) - MERCOSUL
Aurora Leonor Freixo - UFBA
Beatriz Kushnir (AGCRJ) - Inst. Arquivísticas
Carla Mara da Silva Silva- UFAM
Carlos Augusto Silva Ditadi - Conarq
Carlos Blaya Perez - UFSM
Cíntia das Chagas Arreguy - UFMG
Dhion Carlos Hedlund - FURG
Eliana Maria dos Santos Bahia - UFSC
Eliandro dos Santos Costa - UEL
Eliezer Pires da Silva - UNIRIO
Fernanda Kieling Pedrazzi - UFSM
Flávio Leal da Silva - UNIRIO
Francisco José Aragão Pedroza Cunha - UFBA
Hamilton Vieira de Oliveira - UFPA
Heloísa Liberalli Bellotto - USP
Janilton Fernandes Nunes - UFAM
João Eurípedes Franklin Leal - Conarq
Jorge Eduardo Enriquez Vivar - UFRGS
José Augusto Chaves Guimarães - UNESP
Josemar Henrique de Melo - UEPB
Julianne Teixeira e Silva - UFPB
Katia Isabelli de Bethânia Melo de Souza - UnB
Leandro Ribeiro Negreiros - UFMG
Marcieli Brondani de Souza - UFAM
Margarete Farias de Moraes - UFES
Maria Do Rocio Fontoura Teixeira - UFRGS
Maria Laura Rosas (EUBCA) - MERCOSUL
Maria Leandra Bizello - UNESP
Maria Teresa Navarro de Britto Matos - UFBA
Maria Virginia Moraes de Arana - UFES
Mateus de Moura Rodrigues - FURG
Paulo Roberto Elian dos Santos (Fiocruz) - Inst. Arquivísticas
Lucivaldo Vasconcelos Barros - UFPA
Luiz Eduardo Ferreira da Silva - UFPA
Renato Tarciso Barbosa de Sousa - UnB
Rita de Cassia Portela da Silva - UFRGS
Rosa Zuleide Lima de Brito - UFPB

Rosane Suely Alvares Lunardelli - UEL
Sérgio Renato Lampert - FURG
Sônia Elisabete Constante - UFSM
Telma Campanha de Carvalho Madio - UNESP
Úrsula Blattmann - UFSC
Welder Antônio Silva - UFMG

Comissão de Apoio



Secretária

Melina Pereira

Comissão de Divulgação

Everton Tolves
Pâmela Menezes Flores
André Grendene Azevedo
Maria Eduarda Flores

Comissão de Transportes

Daiane Regina Segabinazzi Pradebon
Comissão Artística
Arion Pilla

Comissão de Projetos

Jonas Ferrigolo Melo
Juliana Kirchhof
Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues

Comissão de Inscrições, Credenciamento e Certificados

Camila Medeiros
Tamiris Carvalho
Catiana Ramiro

Comissão de Infraestrutura

Adriéli Mello
Douglas Duarte

Editoração e Revisão

Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues



Associação dos Arquivistas do RS - AARS

Biênio 2013 - 2015

Diretoria

PRESIDENTA: Débora Flores

VICE-PRESIDENTA: Andrea Gonçalves dos Santos

1ª SECRETÁRIA: Camila Lacerda Couto

2ª SECRETÁRIA: Maria Cristina Kneipp Fernandes

1ª TESOUREIRA: Raquel Miranda da Silva

2º TESOUREIRO: Cléo Belicio Lopes

CONSELHO FISCAL - TITULARES

Denize Camargo

Rosani Gorete Feron

Viviane Portela de Portela

CONSELHO FISCAL - SUPLENTES

Daniel Flores

Flavia Helena Conrado

Jorge Alberto Soares Cruz



SUMÁRIO

Sobre o Evento.....	09
AARS.....	11
Comunicações Orais – Eixo Epistemologia da Arquivologia e Formação Profissional.....	12
Comunicações Orais – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	328
Comunicações Orais – Eixo Acesso à Informação.....	370
Comunicações Orais – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais.....	615
Comunicações Orais – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	730
Comunicações Orais – Eixo Gestão Documental.....	949
Comunicações Pôsteres – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais...	1121
Comunicações Pôsteres – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	1143
Comunicações Pôsteres – Eixo Gestão Documental.....	1168
Comunicações Pôsteres – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	1220

SOBRE O EVENTO

VI CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA VI CNA - 2014 Santa Maria - RS

A realização do Congresso Nacional de Arquivologia é o resultado do envolvimento e da cooperação das associações regionais de arquivistas que unem esforços com a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia – ENARA – criada em 2006 durante o II CNA ocorrido em Porto Alegre –, ademais da comunidade arquivística, atuante nas discussões em prol do desenvolvimento da Arquivologia.

Realizar um congresso, grandioso e importante como este para os profissionais arquivistas, é um trabalho árduo, mas também prazeroso, pois é ele um marco para o avanço da teoria arquivística e de suas tecnologias para a comunidade brasileira. Comunidade esta, cada vez mais, exigente e consciente da importância da gestão documental e informacional, considerando não somente a atividade fim da arquivística, mas ainda, sob um olhar na sustentabilidade e nas inovações que contribuem para o desenvolvimento e uma melhor aplicabilidade da gestão documental nas empresas e demais espaços de atuação do profissional arquivista.

Assim, em um congresso nacional como este, é sabido que as discussões geradas neste grandioso evento, espaço para o conhecimento e debates teóricos, enriquecem ainda mais a comunidade científica e ampliam, conseqüentemente, as discussões acerca da Arquivologia e sua teoria no Brasil.

Como contribuição para os profissionais envolvidos no evento, que ocorre na união de uma comunidade nacional em um mesmo espaço, enriquece a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, representando, portanto, um elemento importante no desenvolvimento da comunidade científica no âmbito da educação superior contemporânea.

Os congressos nacionais de arquivologia, que vêm acontecendo desde 2004, têm contribuído significativamente às discussões de classe. Cada evento vem carregado de ideias e visões, que ao longo dos dias são debatidas pela comunidade arquivística, resultando assim em novos conceitos, novos conhecimentos, potencializando o papel do arquivista na sociedade contemporânea, sendo o cerne do desenvolvimento de políticas e leis que se tornaram referência em outras áreas do conhecimento.

A realização deste evento é a oportunidade de atualização dos profissionais participantes, explorando novas tendências na gestão documental, trazendo-se temas de abordagem contemporânea e oportunizando, ainda, a presença de palestrantes de renome nacionais e internacionais.

As comissões organizadora e científica somam esforços para apresentar uma programação que venha fomentar amplo debate sobre as questões da atualidade na gestão arquivística e da gestão da informação, com vista a construir uma perspectiva para evidenciar as discussões acadêmica e científica, considerando as diferentes dimensões, na dicotomia: educação superior e vida profissional. Isso significa fortalecer os princípios para com a arquivística e a gestão da informação, propiciando uma formação acadêmica e uma atuação profissional que articule

organicamente com o conhecimento científico, técnico, político e, ainda, uma postura ética.

A interação entre as diversas formações e campos de atuação do profissional, proporciona troca e difusão de conhecimento, pressupondo sujeitos comprometidos com a evolução teórica e tecnológica da sua área de atuação. Desta forma, o evento visa divulgar, refletir e discutir as novas tendências da gestão arquivística e da gestão da informação, integrando seus diversos atores: docentes, discentes, gestores, técnicos, profissionais e comunidade em geral.

Desde a década de 70 o Brasil tem por tradição realizar congressos nacionais de arquivologia. Mas foi o ano de 2004 que ficou marcado em virtude da sequência dos congressos sofrer alteração.

Assim, o I Congresso Nacional de Arquivologia - CNA se realizou na cidade sede do governo federal, Brasília em 2004, tendo como tema “Os arquivos no século XXI”.

O II CNA, se realizou na acolhedora cidade de Porto Alegre em 2006, tendo como tema “Os desafios do arquivista na sociedade do conhecimento”. Este encontro foi um marco para o arquivologia nacional pois neste congresso se criou a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia, a ENARA, que desde então, passou a organizar os CNAs junto com a associação regional do estado sede do congresso.

O III CNA se realizou na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro em 2008, tendo como tema “A Arquivologia e suas múltiplas interfaces”.

O IV CNA se realizou na linda cidade de Vitória em 2010, tendo como tema “A gestão de documentos arquivísticos e o impacto das novas tecnologias da informação”.

O V CNA se realizou na bela cidade de Salvador em 2012, tendo como tema “Arquivologia e internet”.

E agora, o VI CNA, em 2014, se realiza no coração do Rio Grande do Sul, em Santa Maria. É o primeiro congresso nacional que ocorre em uma cidade que não é uma capital, e que nos enche de orgulho poder sediar e acolher estes profissionais que aqui chegam para discutir e compartilhar conhecimentos da Arquivologia.

O VI CNA conta com sessões plenárias apresentando temas como “A Diplomática Contemporânea e a Epistemologia da Arquivologia”, “Inovação em acesso e preservação digital” e “Avaliação de documentos: metodologia, procedimentos e implicações”. O evento conta também com quatro mini-cursos: “Preservação digital”, “Diplomática contemporânea”, “O documento arquivístico digital” e “ISO30300” com ministrantes do Brasil, Espanha e Portugal, além das comunicações orais e apresentação de pôsters.

As apresentações foram divididos por eixos temáticos: Epistemologia da Arquivologia e formação profissional, Inovação e sustentabilidade em arquivos, Acesso à informação, Documentos arquivísticos digitais, Patrimônio Documental e memória e Gestão Documental.

A AARS

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (AARS), criada em 1999, surgiu a partir da extinção dos Núcleos da Associação dos Arquivistas Brasileiros em julho de 1998, quando os associados do Núcleo Regional do RS se reuniram e, após muita discussão, aprovaram a constituição de uma associação estadual. Na ata de fundação, constavam 32 associados, que, com muita disposição, conseguiram criar uma entidade forte e reconhecida nacionalmente. A Associação é dirigida por uma diretoria eleita por dois anos.

Atualmente, a AARS conta com mais de 270 associados, já foi representante das associações de classe no Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e Coordena a gestão da Executiva Nacional de Associações de Arquivologia do país até a realização do VI CNA. No ano de 2007, a AARS conseguiu sua inscrição na Seção de Associações Profissionais - SPA, do Conselho Internacional de Arquivos CIA. Em 2006, a Associação promoveu o II Congresso Nacional de Arquivologia, com aproximadamente 500 participantes. E hoje, mais uma vez reafirma sua dedicação em prol dos profissionais arquivistas.

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul tem por objetivos: a) promover a defesa dos interesses dos profissionais que atuam na área da arquivologia; b) incrementar estudos para melhorar o nível técnico e cultural dos profissionais de arquivo; c) cooperar com os órgãos governamentais e entidades nacionais e internacionais; públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos; d) promover a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho arquivístico, por meio de estudos, congressos, conferências, exposições, cursos, seminários, mesas redondas, e outras atividades; e) estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres; f) participar dos eventos que se relacionem com as atividades da área; g) colaborar com o Arquivo Nacional, os arquivos estaduais e municipais, no desenvolvimento de políticas de arquivo; g) a representação judicial ou extrajudicial dos associados mediante autorização da Assembleia Geral.

A atual diretoria da AARS tomou posse em 29 de julho de 2013, e tem seu mandato até julho de 2015. Além das atividades de defesa profissional, como divulgação da regulamentação da profissão, intervenções em concursos irregulares com vagas para arquivista, cursos de capacitação e treinamentos, a AARS enfrenta em 2014 um novo desafio. Após sediar em 2006 o então II Congresso Nacional de Arquivologia, a AARS recebe novamente o evento, porém na sua VI edição.



COMUNICAÇÕES PÔSTERES

EIXO:

**INOVAÇÃO E
SUSTENTABILIDADE
EM ARQUIVOS**

A consciência coletiva: realização nas mídias Wiki

Talita Cristina da Silva
Maria José Vicentini Jorente

RESUMO

Esse trabalho é parte da pesquisa de iniciação científica, que aborda o conceito de consciência coletiva dentro da Web. A finalidade do texto é demonstrar os sistemas Wiki (dentre eles a Wikipédia) como um local que possibilita essa construção do conhecimento. Usa-se a metodologia teórico-exploratório, realiza a discussão do tema com um referencial de relevantes autores da área. A discussão do texto considera o novo paradigma da interatividade, como lidar com a questão da autoria e autoridade na contemporaneidade. Tendo em vista as mudanças dos suportes de informação e a proliferação de ambientes digitais. Resultados: a ênfase da produção da informação na Wikipédia não está mais tão focada em quem assina ou em quem responde pelo texto, e sim na participação. Ou seja, na colaboração, na construção coletiva do conhecimento. Pois a consciência coletiva é um conceito que se realiza na Web, na qual os sistemas Wiki tem certo destaque. Por fim, considera-se a existência de uma relação entre a colaboração e a criação dos conteúdos informacionais.

Palavras-chave: Informação. Tecnologia. Wiki. Ciência da Informação. Colaboração. Consciência Coletiva.

A Wikipédia além de um ambiente digital e enciclopédico é também um local em que os inteligentes coletivos podem interagir entre si. Nessa forma de interação para a criação, os indivíduos se utilizam das tecnologias Wiki como ferramentas para a criação de informações. A materialização da “consciência coletiva” acontece em decorrência de tais tecnologias que permitem o trabalho coletivo entre os indivíduos.

Sobre consciência coletiva, Durkheim é que cria e defende o conceito, ele dedica suas pesquisas na identificação desta consciência coletiva. Segundo o autor, a consciência coletiva é resultante da interação entre vários indivíduos. (CONSCIÊNCIA COLETIVA, 2014). Para Durkheim é no processo de socialização (aprendizado) que o indivíduo vai criando a consciência coletiva. Assim, nesse contexto de consciência coletiva e interação, a Wikipédia – e todos os ambientes Wiki – tem um papel relevante na coordenação dos inteligentes coletivos. Pois para uma informação fazer sentido ele tem que estar em um contexto. Ou seja, os indivíduos precisam estar envolvidos em um projeto para a construção de um bem – que na Wikipédia é a informação enciclopédica.

Somente através de um ambiente de interação - que possibilite um grupo interagir - é que se encontram relações de ensino e aprendizagem mútuos. Afinal a ideia da interação entre os inteligentes coletivos é que os conhecimentos individuais quando unidos reflita o conhecimento do todo. O

reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas constituem a base fundamental da inteligência coletiva, pois ela cria a perspectiva de um laço social construtivo e cooperativo, onde cada um, embora não saiba tudo, pode colaborar com aquilo que sabe. (ANDRADE, et al., 2011, p.2).

O desafio é o esforço para trabalhar em comum acordo (ANDRADE, et al., 2011). Pois ao construir um conhecimento complexo considera-se a multiplicidade e a diversidade de opinião e cultura. Sendo assim, as diferenças devem ser engajadas de forma sinérgica para que não haja desajustes no momento da construção coletiva do conhecimento.

Reconhece-se na comunicação humana uma forma de interação. Mas é necessário ainda o reconhecimento de todos a respeito do código de linguagem, dos métodos de comunicação e (também no contexto de uso da Web) o reconhecimento e manuseio das tecnologias de informação e comunicação. Assim, com o intuito de que inteligentes coletivos consigam interagir os ambientes informacionais, tendem a ser mais intuitivos, atrativos e facilitados para os usuários.

Segundo Levine (et. al., 2000), a Internet mais se assemelha a um mercado Greco-romano. Aquele lugar era um espaço de comunicação, as pessoas interagiam entre si. Enquanto viajantes vinham com especiarias e mercadorias diferentes, atraindo muitos interessados, esse mesmo público se relacionava e conversava. Era diferente do tipo de mercado que hoje vivemos.

O autor afirma que a Internet não é uma inovação jamais vista, de alto desempenho, e sim que ela está mais próxima de um passado que as sociedades viveram e que com o tempo foi se perdendo. Levine também discute a comunicação e a voz humana, referindo-se a interação dos indivíduos dentro da rede. Ele diz ainda que a Web rompe com as limitações da publicidade televisiva, de jornais e folhetos, pois na Internet – o que para as empresas é o “público-alvo” – os usuários têm mais possibilidades de se informar, se comunicar, pesquisar, comparar, reclamar, sugerir e até exigir melhores produtos e atendimento.

Constrói-se a informação coletivamente em um ambiente colaborativo ao mesmo tempo em que dela se apropria e, conseqüentemente, se gera um novo conhecimento; logo se tem uma construção coletiva do conhecimento, pois a espiral do conhecimento (publicação/compartilhamento, necessidade de informação, leitura, apropriação, combinação conhecimento prévio do individuo, geração de um novo conhecimento, compartilhamento e assim segue) se realizam no mesmo ambiente.

No entanto, a preocupação dos autores hoje está no risco de “perder os seus direitos”, em detrimento da possibilidade de “perder sua liberdade”, conforme salienta Roger Chartier (1999). Ou seja, para os autores hoje, é mais preocupante ter resguardado seu direito de autor, do que sua liberdade de criação. A Web propicia essa liberdade de criação, haja vista sua posição como um espaço de participação e interação.

Chartier, ao tratar essa relação entre liberdade de criação versus a garantia de autoria, traça um paralelo desde a passagem dos manuscritos que para serem reproduzidos tinham que ser copiados por meio da cópia manual com a presença dos escribas. Passa pelo momento histórico da prensa de Gutemberg, que por sua vez, modifica completamente a forma de se fazer reproduções e mais, modifica a relação do homem com a informação, até esse momento presente no livro. Até chegar ao nosso momento atual, no qual nossa relação com os livros (agora livros virtuais) também se modifica, essa nova realidade. Que por sua vez, modifica as questões de propriedade e autoria.

Essa relação de responsabilidade sob suas criações (livro) só passa a ser percebida após a revolução da imprensa, neste momento os autores que eram considerados hereges respondiam com sua própria vida diante de suas produções. Os livros quando considerados “maus livros” eram queimados em fogueiras e em alguns casos os autores também eram queimados, pois agindo assim, “pensavam erradicar para sempre suas ideias”. Percebe-se aqui o reconhecimento de autoria diante das produções. Reconhece-se quem responde por tal informação.

Com a “revolução eletrônica”, de acordo com Chartier, a relação de domínio sobre os conteúdos mais uma vez se modifica. Pois “as possibilidades de participação do leitor, mas também os riscos de interpolação tornam-se tais que se embaça a ideia de texto, e também a ideia de autor” (CHARTIER, 1999, p. 24).

A ênfase não está mais em quem assina ou em quem responde pelo texto, e sim na participação, ou seja, na colaboração, na construção coletiva do conhecimento. Assim, pode-se dizer que a produção coletiva seja a dissolução da autoria?

Mais adiante ele aborda o uso das dedicatórias; pois nesse momento os escritores viviam uma situação de trocas. Ora se trocava proteção ao escritor por parte do poder (monarquia e ou clero). Ora a troca era econômica, quando o escritor não faz parte da nobreza ou não tem como se sustentar. Nessas trocas os melhores produtos (os livros com mais requinte) eram ofertados em troca da proteção ou financiamento ou até ambos, como uma forma de dedicatória colocada nos prefácios dos livros, “paratexto”.

Existia ainda mais um tipo de troca – a que faz refletir sobre a questão da autoria – aquela na qual a autoridade (monarquia: rei) mantém recebe a dedicatória de sua própria produção. Ou seja, ele é o criador intelectual do conteúdo, mas não é o autor, essa autoridade dita partes do conteúdo – ou a totalidade, ou até a parte mais importante – e aquele que tem a função de autoria escreve e publica e responde por aquele conteúdo, apesar de não ser ele o criador da totalidade da produção.

Com isso pensa-se que neste momento que a questão mais relevante não está na autoria em si, mas nas possibilidades de produção. Atualmente o Brasil não está em um momento de censura, muito pelo contrário é um momento de liberdade de expressão. Mas contrariamente a impressão que se tem é que exista certa “censura velada”, o que faz com que a referida liberdade não se realize de fato.

No mundo da interação, a sensação de liberdade é muito maior e este é um ponto muito delicado. Pois essa liberdade na Web também é velada, a diferença é que o comportamento dos indivíduos diante desse ambiente é mais descuidado, não refletindo sobre as suas ações expositivas nos ambientes digitais, isso porque na Web as pessoas tem uma sensação de anonimato.

A Wikipédia é um ambiente colaborativo, onde as pessoas, qualquer pessoa, tem a liberdade (considerando o controle do site é claro) para contribuir, assim as pessoas colaboraram para o enriquecimento dela. Ao discorrer sobre a Wikipédia através de uma análise de discurso Duque afirma que: as informações inseridas na Wikipédia são criadas não pela “subjetividade de um escritor, mas mantido pela subjetividade de diferentes escritores” (DUQUE, 2009, p.2).

Dado a este fato, o ambiente da Wikipédia tem sua capacidade de perpetuação garantida por diversos atores. E ele se mantém não apenas pela propriedade intelectual individual, mas pela identidade de coletividade. No entanto, a liberdade de edição por qualquer pessoa, revelou-se desfavorável a construção coletiva, por decorrência de atos de vandalismo, descuido e/ou imprecisão por parte dos usuários da Wikipédia. Mediante esses acontecimentos a Wikipédia desenvolve formas de monitoramento das edições por meio de robôs que retiram as postagens suspeitas e dos voluntários - que conforme usam o ambiente passam a ganhar responsabilidade de acompanhar alguns artigos. Ou seja, uma edição anônima pode ser retirada por um usuário ou por um robô caso seja considerada errada. Quando o usuário opta por fazer as edições com identificação, ele pode contribuir de outras formas, como por exemplo, ser um voluntário e acompanhar as postagens no ambiente.

Ainda, na questão da propriedade de autor, a autoria é então um conceito que foi criando com o tempo e as modificações nas estruturas sociais e culturais das sociedades (CHARTIER, 1999). Para as autoras Jorente e Santos (2010), no artigo “Hábitos, Rupturas e Novas Possibilidades de Compartilhamento de Informação e de Conhecimento” a autoria sofre influencia dos hábitos de consumo decorrente das transformações que foram acontecendo nas sociedades dos séculos XIV e XV, que culminou em uma revolução cultural. No entanto, a construção coletiva do conhecimento tem entraves: as questões socioculturais que influem na realização dessa construção em coletivo de conhecimento ou de informação.

Atualmente ainda se traz essa herança de que a veracidade das informações reporta-se a quem as disse, inscreve, ou as publicaram, ou seja, quem disse quem é o criador de tal informação. Sim, essa é uma questão legítima, mas assim como a questão de autoria foi sendo construída conforme o desenvolvimento das sociedades e da escrita, ela ainda continua a se modificar.

Nos ambientes Wiki preza-se pela construção coletiva. A construção coletiva nesses ambientes rompe a questão da autoria, pois a ideia é todos podem aprender e todos podem ensinar, todos podem criar e todos ‘consumir’. Em um sistema complexo como a Internet é redutor e limitado posicionar-se contra a colaboração na criação dos conteúdos informacionais. A consciência coletiva se aplica aos arquivos, na relação dos usuários com a busca de informações em

documentos arquivísticos. Pois a interação dos usuários e convergência configura um conhecimento complexo que se auto-organiza em um ambiente de colaboratividade. Assim para satisfazer a necessidade de informação dos usuários, os arquivos podem utilizar de ambientes Wiki e com isso proporcionar um espaço para a criação de novos conhecimentos a partir de seus documentos. Afinal um arquivo é fonte primária de informação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I. A.; JÚNIOR, D.W.B; TOMAÉL, M.I.; CORGOSINHO, R.J.M.

Inteligência coletiva e ferramentas WEB 2.0: a busca da gestão da informação e do conhecimento em organizações. Perspectivas em Gesto & Conhecimento, João Pessoa, v.1, número especial, p. 27-43, out. 2011.

CHARTIER, R. **A aventura do livro.** São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999. CONSCIÊNCIA COLETIVA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Consci%C3%Aancia_coletiva&oldid=36004215. Acesso em: 10 jan. 2014.

DUQUE, A. P. A. B. **Redação hipertextual coletiva na Wikipédia: uma análise sobre o modo como diferentes discursos podem constituir um hipertexto enciclopédico.** Estudos Linguísticos, v. 38, n. 3, p. 19-31, 2009.

JORENTE, M. J. V.; SANTOS, P. L. V. A. da C. **Hábitos, rupturas e novas possibilidades de compartilhamento de informação e de conhecimento.** Informação & Sociedade: estudos, João Pessoa, v. 20, n. 3, p.13-26, 2010.

LEVINE, R. et al. **O manifesto da economia digital: o fim dos negócios como nós conhecemos.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.